

TÃO PERTO, TÃO LONGE

Depois que a torcida está plenamente acomodada, o que impera em muitos pontos do lado de fora do estádio é uma atmosfera de universo paralelo. Os funcionários conversam pelo pátio como se a poucos metros não estivesse transcorrendo o maior evento esportivo do Rio Grande do Sul. A sensação entre muitos é de dever cumprido: seu trabalho termina quando começa o jogo. Os funcionários da central de atendimento cerram as portas e vão embora. Pouco depois, é a vez de o pessoal da bilheteria bater em retirada. Mas nem todos podem virar as costas e retomar a vida. Na rua, os policiais militares saem a passos rápidos para a janela do bar quando um lance importante acontece, o que não compromete a segurança: se houver algum bandido na área, ele certamente estará junto dos policiais, espiando a televisão.

PRESIDENTE HOSTILIZADO

Em cobrança de escanteio, o zagueiro Bolívar empata o jogo para o Inter. São 30 minutos do segundo tempo. O clima nas arquibancadas, que já não era bom, se torna ainda mais hostil contra o técnico Caio Júnior, que na visão dos gremistas não foi capaz de fazer frente nem aos reservas do rival. Contida, mas absolutamente nervosa, Carmen Lúcia rói as unhas e anda de um lado para outro. Ela trabalha como segurança da empresa terceirizada contratada pelo Grêmio em dias de jogos. Está incomodada com a improvisação de Leandro, atacante, no meio-campo e com mais um gol de bola parada sofrido pelo seu Grêmio. “Eu já falei para o preparador físico do Grêmio, tem de botar esses zagueiros a pular em cama elástica, para fortalecer a perna”, sugere.

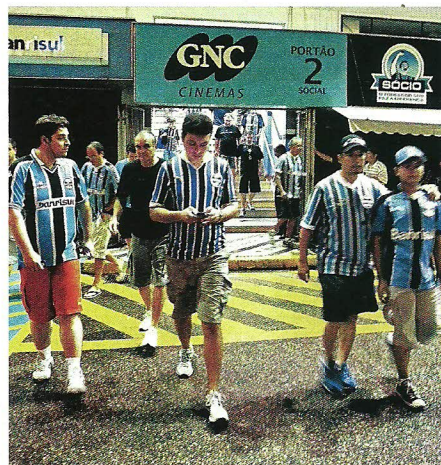
Poucos minutos após o gol de empate, o presidente do Grêmio desce para o vestiário. O trajeto o obriga a passar pelo setor de cadeiras e tomar contato com os torcedores. Os mais exaltados partem para ofensas pessoais e palavrões. “Arruma esta merda! Não ganhamos nem do time J do Inter”, grita um dos mais polidos.

Odone chega a interromper a caminhada e olha para os torcedores. Não responde nada e volta a descer as escadarias. Minutos depois, o segurança que o acompanhava faz o caminho de volta, encarando feio os torcedores mais hostis. O que se segue é aquele bate-boca que antecede as brigas. A discussão evolui para um confronto físico iminente, evitado por outros funcionários da segurança. Ele se afasta, mas volta com força total quando um torcedor grita: “Sou eu que pago teu salário!” O segurança precisa ser agarrado pelo pescoço para não agredir o torcedor.

VESTIÁRIO

O empate contra os reservas do Inter reforça a pressão sobre o técnico Caio Júnior, que cairia três jogos depois. “O torcedor tem de ser paciente”, pede durante a entrevista coletiva. A imprensa ainda está excitada com o clima de Gre-Nal. Para o clássico, a Associação dos Cronistas Esportivos Gaúchos (Aceg) cadastrou mais de cem profissionais, entre jornalistas e técnicos. Já a Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos (Arfoc) autorizou a entrada de 35 fotógrafos e cinegrafistas.

Enquanto uma parte dos jornalistas sabatina Caio na sala de entrevistas, do lado de fora o único dirigente a dar as caras é o próprio presidente Paulo Odone, que justifica o resultado no clássico em razão da perda dos dois laterais – Mario Fernandes e Júlio César deixaram o campo lesionados – e a erros do árbitro, que teria sido frouxo na parte disciplinar. Irritado com as repetidas perguntas sobre uma provável saída do treinador, Odone é incisivo: “Vocês estão querendo saber se vamos demitir o Caio. Não vamos fazer uma coisa simplista dessas, vocês me desculpem”. E vai fazendo minguar a entrevista com uma repentina caminhada para longe dos repórteres.



ATÉ OUTRO DOMINGO QUALQUER

Fora do estádio, os gremistas, que já haviam começado a deixar as arquibancadas antes do final do jogo, inconformados com o empate iminente, rapidamente se dispersam, motivados pela chuva e desmotivados pela atuação do time a parar num bar para um happy hour tardio. Os colorados aguardam sua vez dentro do estádio, com o ânimo para fazer festa agora arrefecido pela ausência de um rival que os encare. **Por volta das 23h, todos – torcida, dirigentes, funcionários e jornalistas – deixam o estádio.** Menos uns poucos abnegados seguranças, afinal alguém tem de passar um cadeado nas portas do espetáculo. ■

